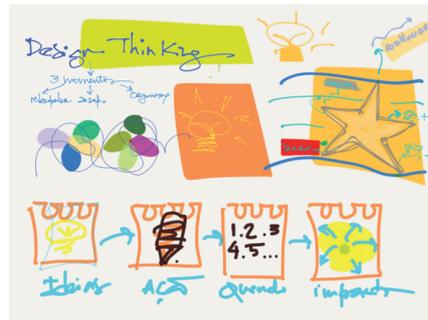
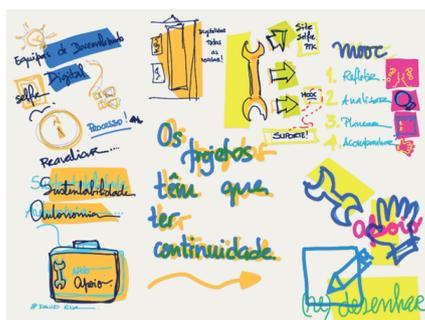


Seminário

“Capacitação Digital das Escolas: Agir para transformar”



Vimeiro | 17-18-19 novembro 2022



Cofinanciado por:



EDUCAÇÃO



Ficha Técnica

Título:

Seminário - Capacitação Digital das Escolas: Agir para Transformar

Editor:

Ministério da Educação - Direção-Geral da Educação

Diretor-Geral da Direção-Geral da Educação (DGE):

José Vítor Pedroso

Capa e design:

Isabel Espinheira com desenhos de Elisabete Fiel

Desenhos:

Elisabete Fiel

Data:

Lisboa, janeiro de 2023

Seminário

“Capacitação Digital das Escolas: Agir para transformar”

Vimeiro | 17-18-19 novembro 2022

Introdução

A Direção-Geral da Educação (DGE) dinamizou, nos dias 17, 18 e 19 de novembro de 2022, no Vimeiro, o Seminário “Capacitação Digital das Escolas: Agir para Transformar”, dirigido aos Embaixadores Digitais (ED) alocados aos Centros de Formação de Associação de Escolas (CFAE).

O evento cofinanciado pelo Programa Operacional Capital Humano POCH e enquadrado no Plano de Ação para a Transição Digital (PTD), foi mais uma das ações promovidas pela DGE com o objetivo de reforçar a capacitação dos ED, no que concerne ao desenvolvimento do trabalho colaborativo, da comunicação institucional e do planeamento.

Assim, com estes dois dias e meio de trabalho conjunto, procurou-se contribuir para melhorar a ação dos ED, de modo a que a integração do Digital se consolide, como parte integrante da rotina das escolas que acompanham, e tenha impacto visível ao nível organizacional, pedagógico, tecnológico e digital. Nesse sentido, o evento contou com a presença de especialistas de reconhecido mérito, bem como com a dinamização de momentos de capacitação assegurados por profissionais das áreas do *Team Building*, Comunicação em Educação e *Design Thinking*, confluindo para um aprofundamento da reflexão sobre o trabalho já concretizado e a concretizar pelos ED.

Esta brochura resulta da compilação dos registos elaborados ao longo do evento e pretende constituir-se como mais um elemento de apoio ao trabalho que importa continuar a desenvolver, no âmbito da capacitação digital das escolas.



Intervenção do Sr. Ministro da Educação, João Costa

O Sr. Ministro da Educação, João Costa, começou por saudar os presentes e salientar a importância das suas funções, ao contribuírem para o bom desenvolvimento do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) na Educação e para os excelentes resultados que têm sido apresentados no conselho de ministros.

Há 4 pilares fundamentais e estruturais: equipamento; conectividade; intencionalidade pedagógica e formação em competências digitais. Em relação ao primeiro pilar, **as escolas estão cada vez mais bem equipadas**. Quanto ao segundo, o Sr. Ministro da Educação informou que **estão a ser adotadas medidas para que haja uma boa conectividade até 2024**. No que se refere ao terceiro, **a construção de recursos digitais já está a acontecer**. Estes dar-nos-ão perspetivas ricas e integradoras de saberes diversificados, por não estarem tão centrados em determinadas áreas curriculares, mas sim incentivarem um cruzamento entre elas, a partir de um tema. Igualmente com os fundos PRR, **estão também a ser instalados 1300 Laboratórios Educativos Digitais (LED)** e a sua divulgação é fundamental, pois serão disponibilizados vários tipos de LED, para que as escolas possam optar pelo que melhor coaduna com a sua realidade.

Além disso, o Sr. Ministro acrescentou que existem outras dimensões que importa referir: por um lado, a necessidade de termos serviços administrativos mais equipados e uma outra preocupação está relacionada com a unificação de sistemas de informação, para aliviar a carga burocrática a que as escolas e direções estão sujeitas.

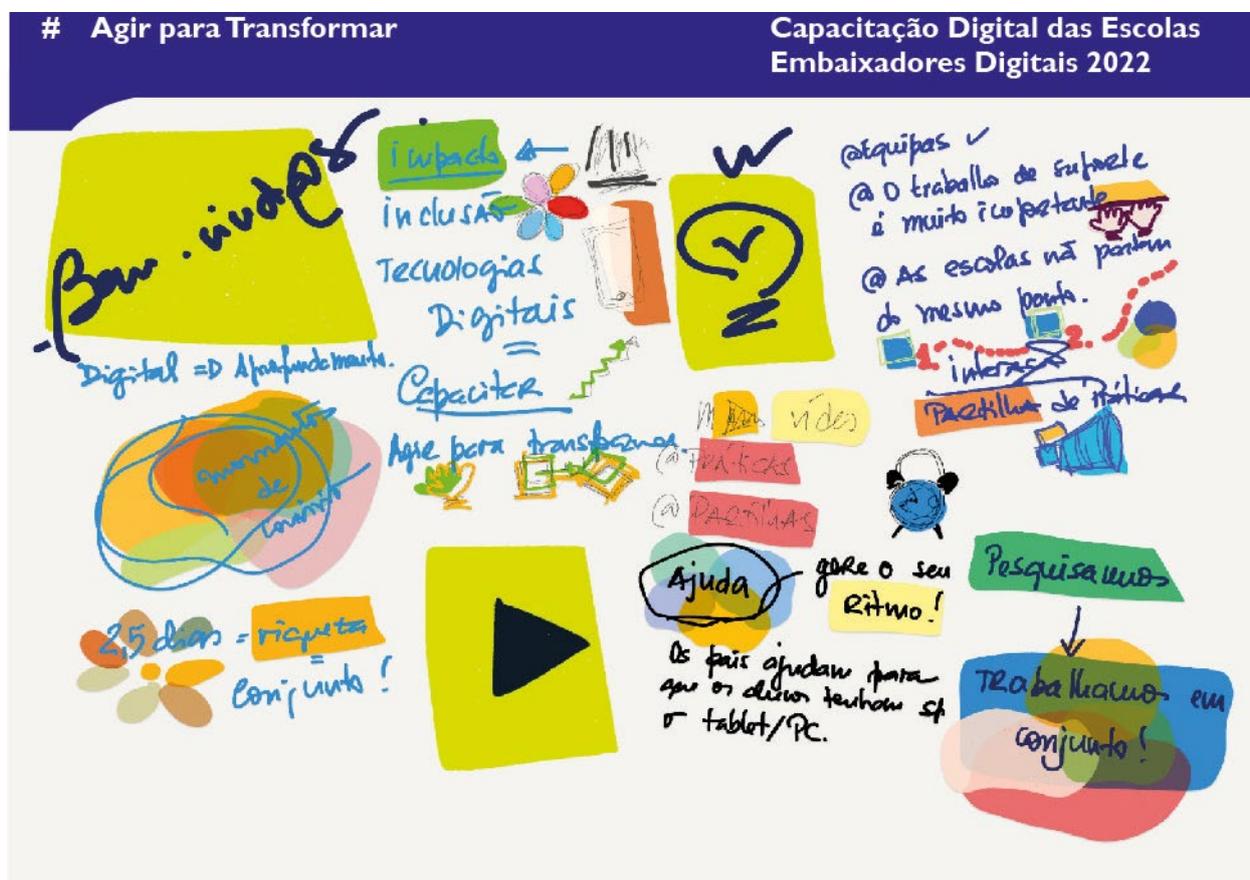
Uma questão diferente prende-se com as provas e exames em formato digital. Trata-se de um passo importante em várias frentes, com o próprio trabalho de correção a ficar facilitado. Este ano, já se realizarão provas de aferição em formato digital e no 9.º ano haverá um piloto. Assim, é necessário sensibilizar os professores para que se comece a trabalhar com estas ferramentas e plataformas, de forma a que os alunos tenham oportunidade de utilizá-las e se sintam familiarizados com elas, antes do dia das provas *online*.

Quanto às competências digitais dos alunos, o Sr. Ministro apelou a que se desenvolvam competências transversais, porque os alunos têm de saber rastrear o que está na Internet, devendo ser críticos. Foram, ainda, lançados alguns desafios: há que conseguir instalar os computadores nas escolas; **os pais e alunos têm de ser motivados; os professores, direções e conselhos pedagógicos têm de compreender a importância do digital e da educação para o digital e com o digital.**

A terminar, o Sr. Ministro reforçou que o Ministério da Educação optou por dar continuidade ao exercício de funções dos ED, dada a importância que as mesmas adquirem na execução bem-sucedida do PTD.

Sessão solene de abertura

José Víctor Pedroso - Diretor-Geral da Educação



O Diretor-Geral da Educação, José Víctor Pedroso, salientou a importância de existir uma estrutura, uma rede de acompanhamento muito próxima das escolas. Existindo realidades e ritmos diferentes ao nível do desenvolvimento digital, é essencial que os ED promovam uma partilha de práticas entre escolas, bem como realizem um acompanhamento estreito a cada uma delas. O Diretor-Geral salientou que **é necessária uma abordagem (escola a escola), reforçando a criação de laços, a criação de redes de apoio.**

De seguida, foram apresentados alguns dados relativos à capacitação digital de docentes até à data: - 69 418 formandos concluíram com aproveitamento ações Capacitação Digital das Escolas (CDE), tendo 99 760 professores participado voluntariamente no preenchimento do questionário de autoavaliação *Check-in*, para posicionamento em nível de proficiência digital. Um outro dado que mereceu destaque diz respeito ao facto de as escolas terem realizados os seus Planos de Ação de Desenvolvimento Digital das Escolas (PADDE), na sequência de um período de reflexão, no âmbito do qual foram ouvidos os alunos, os professores e a comunidade educativa. Para estes resultados, foi bastante importante o contributo dos CFAE e dos ED. Quanto a este 2.º ano de implementação dos PADDE, foi reforçada a ideia de que **é a altura de refletir, monitorizar e de acompanhar as escolas, sendo de destacar a importância de continuar a apoiá-las, de modo a que se aproveitem as potencialidades do Digital**, e que este seja encarado como um eixo importante para a consecução do trabalho na escola. No que se refere à capacitação dos professores, esta

continua a decorrer, mas devemos tentar perceber como é que se pode corresponder melhor às necessidades da escola, dos alunos. Um dos eixos do PTD, na área da educação, diz respeito aos equipamentos e, uma vez que a distribuição está concluída, é necessário criar oportunidades para dar sentido à sua utilização, porque, hoje, é preciso pensar a escola na perspetiva de um aluno-um computador. Deste modo, **é necessário identificar exemplos de integração do digital nas práticas pedagógicas**. Um bom exemplo são os 68 agrupamentos de escolas/Escolas não agrupadas que integram o **Projeto-Piloto dos Manuais Digitais (PPMD)** que envolve, no presente ano letivo, mais de 12 000 alunos. Nestas escolas, o computador tem de ser utilizado e isso também significa que essas mesmas escolas encontraram soluções para as dificuldades relacionadas com as estruturas físicas ou de acesso à Internet. Além disso, **está em fase de lançamento a iniciativa LED e foi já lançado o concurso para a aquisição de Recursos Educativos Digitais (RED) que irão abranger todas as disciplinas do currículo**. Após a apresentação destes dados, o Diretor-Geral voltou a frisar a importância do apoio às escolas e do papel que os CFAE e os ED têm desempenhado. Salientou, também, a importância da inovação e da adoção de novas metodologias, sendo que **o papel do professor é essencial na utilização do digital para alcançar melhores resultados e para mobilizar como ferramenta ao serviço do trabalho colaborativo**. A terminar, foi feito um apelo no sentido de se **continuar a trabalhar, a partilhar, a investigar para que o Digital chegue a todos os portugueses**.



Balanço do trabalho em curso

Fátima Campos – DGE/ ERTE

Joana Moreira – DGE/ ERTE

As representantes da Direção-Geral da Educação/Equipa de Recursos e Tecnologias Educativas (DGE/ERTE) referiram que, um ano após o início dos trabalhos, além do facto de as escolas terem o seu PPMD, o olhar dos ED sobre todo este processo é mais acurado e resulta de todo o acompanhamento realizado e da monitorização do trabalho desenvolvido pelas equipas nas escolas.

Em relação ao PADDE, sublinhou-se **que este é um momento único para redirecionarmos o foco para o Digital nas escolas, tendo como objetivo principal o de potenciar a capacitação digital das escolas, tendo em vista mais e melhores aprendizagens.** Contribuem para este processo diversas ações e iniciativas, nomeadamente: i) a distribuição de kits tecnológicos, com cerca de um milhão de kits entregues; ii) os LED, que estão a chegar às escolas; iii) a capacitação docente com números surpreendentes de respondentes ao check-in (99769) e com uma parte muito significativa de docentes com a formação concluída, nomeadamente de nível 1 (16443 docentes), nível 2 (25682 docentes) e nível 3 (2625 docentes); iv) o PPMD, envolvendo 68 Agrupamentos de Escolas ou Escolas não agrupadas (AE/Ena) distribuídas de Norte a Sul do país; v) os RED, como é exemplo a plataforma Ilha Periscópio e outras ações e iniciativas que auxiliam e complementam o trabalho desenvolvido pelos noventa ED, que são os principais interlocutores da DGE na comunicação com as Escolas.



E porque diferentes escolas têm diferentes ritmos e nenhuma delas pode ficar para trás ao nível do seu desenvolvimento digital, destacou-se a importância de os ED garantirem um acompanhamento contínuo e sistemático da sua ação, potenciando o trabalho desenvolvido por aquelas que estão mais adiantadas e incentivando todas as que apresentam ritmos mais lentos, apoiando-as no seu caminho. Neste sentido, o ED deve desenvolver o seu trabalho com autonomia e com responsabilidade acrescida, pois tem um papel central, de apoio, de suporte e de proximidade às escolas, contribuindo, assim, para o sucesso deste plano de transição digital, em conjunto com os diretores dos CFAE, com os docentes em mobilidade que acompanham o projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (AFC), com os formadores e com as Equipas de Desenvolvimento Digital (EDD) de AE/Ena.



Digital na Escola: O olhar dos alunos

Ana Paula Alves – DGE/ERTE | Laboratórios de Aprendizagem

Lígia Azevedo – DGE/ERTE | Cidadania Digital

Teresa Lacerda – DGE/ERTE | eTwinning

Moderação – Maria José Loureiro – CCTIC Universidade de Aveiro

Com a introdução do Digital nas escolas, têm existido grandes alterações ao nível do trabalho dos professores e dos alunos. Esta integração tem levado à mudança das práticas pedagógicas dos professores, fazendo com que trabalhem mais em rede e que os alunos sejam mais ativos, trabalhando colaborativamente, em vez de serem apenas recetores de conteúdo.

O olhar dos alunos em relação à escola revela alguns aspetos muito interessantes e a merecer reflexão por parte das comunidades educativas. De acordo com os elementos do painel:

- As metodologias ativas contribuem para que os alunos se sintam mais envolvidos, mais motivados, mais informados, estejam mais interessados, sejam mais críticos e, conseqüentemente, mais responsáveis pelo seu próprio percurso de aprendizagem.
- Os alunos não estão tão dependentes do professor, uma vez que podem aprender em qualquer hora e em qualquer lugar, melhorando também ao nível da sua autonomia. Este facto não implica uma diminuição da importância do papel do professor. Trata-se, antes, de uma mudança de papel, onde o professor assume o papel de orientador da aprendizagem, não sendo o único detentor do saber. Podem existir momentos

expositivos, mas o que se pretende é que os alunos sejam envolvidos em todas as fases da aprendizagem, tendo o professor um papel de mediador.

Salientou-se, também, que deve existir uma maior preocupação com os espaços de aprendizagem, devem ser criados ambientes educativos propícios à aprendizagem, uma mudança nas metodologias, fomentando a avaliação formativa, que dê resposta às reais necessidades dos alunos e os prepare para o seu futuro, num mundo digital. Desta forma, os alunos serão capazes de desenvolver mais competências de comunicação, de colaboração, de entreatajuda, que lhes serão úteis, não só ao longo do seu percurso escolar, mas também no mercado de trabalho.

Foi, ainda, sublinhado que **o trabalho com o Digital permite também o respeito pelos diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos**, fazendo com que os que têm mais facilidade possam aprofundar mais os seus conhecimentos e que outros possam ultrapassar as suas dificuldades, realizando atividades que podem ser disponibilizadas pelo professor, através de recursos digitais.

A terminar, referiu-se que, para além de todas as vantagens, ao nível da aprendizagem, deixa de existir uma barreira entre o trabalho que existe na escola e fora dela, uma vez que os jovens vivem num mundo digital e são cada vez mais tecnológicos. Ou seja, **o Digital é o futuro e tem de existir uma mudança**, não deixando de ter o analógico também presente, sempre que considere que o mesmo se revele importante, em termos pedagógicos.

As escolas e os professores têm de se preparar, mudando a forma como dinamizam as suas aulas, com a utilização de um computador, de um *tablet*, de um telemóvel ou outros instrumentos, para que os alunos aprendam mais e melhor. Desta forma, a utilização das tecnologias deve ser muito bem pensada, do ponto de vista pedagógico, para que possam contribuir para aprendizagens significativas.

Palavras dos alunos a reter:

“O conhecimento pode estar presente onde quer que estejamos, conseguimos aceder a imensos recursos [...] O aluno quase que se ensina a si próprio. [...] **A utilização de dispositivos tecnológicos estimula a aprendizagem**”

“O Digital permite que a aprendizagem acompanhe os diferentes ritmos dos alunos, pois existem uns com um ritmo de trabalho muito maior e outros com um ritmo de trabalho menor. Aqueles que têm um ritmo de trabalho maior podem investigar mais, mais e mais. Aqueles que têm um ritmo de trabalho menor podem recapitular, podem rever, podem investigar, através das diferentes plataformas existentes”.

“Usamos recursos digitais diferentes. Desta maneira, é possível responder às necessidades diferentes que os alunos têm. Estes prestam mais atenção, sentem-se mais interessados. Não é apenas ler um livro, não é apenas ouvir o que o professor está a dizer, é também participar de maneira diferente na sala de aula.”

“Incluir o digital é um grande passo à frente.”

“Tem de ser feito de forma calma, tranquila. Um processo de introduções ao longo do tempo. Contudo as sugestões que faço devem ser à medida de cada aluno, de cada turma, também sei que não é muito fácil [...] **é um caminho que se vai fazendo caminhando.**”

“O meu conselho é prepararem-se muito bem”



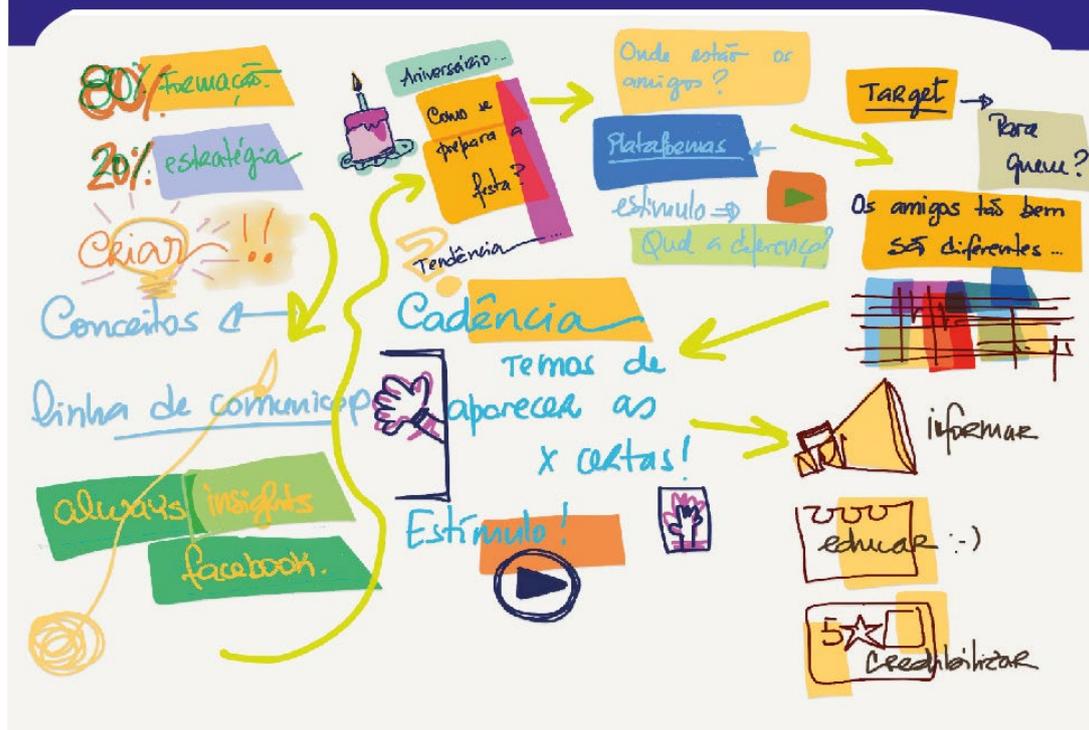
Patrícia Wastiau – Consultora Principal para a Investigação e Inovação – European Schoolnet

Moderação – Maria João Horta – Subdiretora-Geral da Educação

Patrícia Wastiau começou por apresentar a missão da European Schoolnet (EUN) e de como esta desenvolve a sua intervenção, criando redes de escolas e de professores, nomeadamente através de iniciativas transnacionais. A EUN é uma rede de ministérios de educação e agências europeias no domínio da educação, envolvendo 34 parceiros. No seio desse grupo, Portugal é visto como um país com um sistema educativo muito interessante e que se está a desenvolver a um ritmo impressionante.

As principais linhas de intervenção da EUN são, precisamente, a criação e o fortalecimento de redes de escolas e de professores ou agentes educativos, através de iniciativas como eTwinning ou a Future Classroom Lab (FCL), a condução de projetos-piloto transnacionais de inovação nos processos de ensino e aprendizagem, bem como a recolha e organização de evidências que relacionam as práticas com as políticas educativas europeias, através de estudos e projetos de investigação.

Segundo a oradora, é importante clarificar o que se pretende atingir, antes de integrar a tecnologia na sala de aula, enquadrando-a na componente pedagógica, pois a utilização do digital deve ter sempre uma intenção pedagógica e a sua implementação deve nascer da discussão e partilha. Por seu turno, cada escola tem o seu ecossistema, as suas forças, os seus constrangimentos e necessidades, por isso a implementação de novas práticas deve sempre ter em conta as características do grupo, sendo que as mudanças não podem ser decretadas, têm, sim, de ser vivenciadas e discutidas ao longo do processo de implementação.



“Comunicar para Agir”

Paulo Rossas: Lisbon Digital School

Centrando a sua intervenção na importância da eficácia da comunicação para que se alcancem os objetivos definidos, Paulo Rossas começou por referir que, no nosso universo de trabalho, cada pessoa é diferente e tem um objetivo diferente, por isso a informação nunca é para todos, referindo mesmo que **“Se é para todos, provavelmente, não será para ninguém!”**

Pessoas seguem pessoas e, por isso, temos de olhar para as pessoas para perceber como as impactamos e como as influenciámos para que acreditem na nossa mensagem.

Salientou a importância das comunidades de **influenciadores e de nano-influenciadores**, referindo que os nano-influenciadores, ou seja, as pessoas com quem temos mais proximidade, são aqueles mais capazes de acreditar na nossa mensagem e de a propagarem com mais significado e valor. No entanto, acrescentou que nem tudo é tão fácil de tão linear. **Para comunicar, precisamos de estratégia.** Quando queremos que as pessoas comuniquem a nossa mensagem, **80% do trabalho a ter é preparação/formação e 20% é estratégia** e temos de nos questionar constantemente, mesmo acreditando que já sabemos tudo.

Segundo o orador, os dois mecanismos mais importantes da comunicação são **a cadência e o estímulo**. Aparecer muitas vezes (com a **cadência certa**) e **saber o que as pessoas querem** (para as estimular), para tal há que criar uma estratégia. Para lidar com esta questão, utilizou o exemplo da organização da nossa festa de aniversário, definindo-se várias fases.

De acordo com Paulo Rossas, atrair as pessoas para a nossa mensagem é algo muito complicado e **atrair as pessoas certas tem um efeito exponencial na eficiência da mensagem**. Um “gosto” valioso é aquele amigo que vai à nossa festa de aniversário e está lá porque quer, isto a propósito da comparação entre o

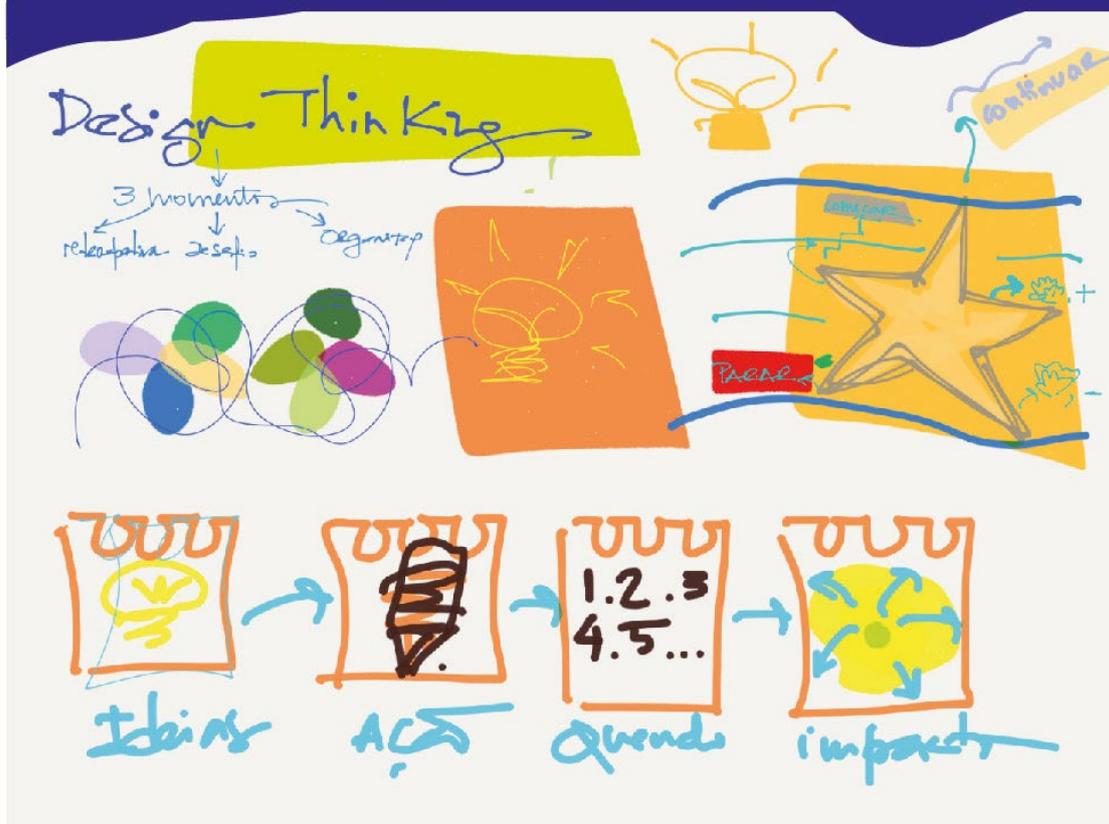
público que pretendemos alcançar e alguns grupos de amigos/conhecidos da nossa esfera pessoal.

Always on - sempre a comunicar – foi uma expressão que utilizou como sendo uma atitude fundamental. De seguida, Paulo Rossas continuou apresentando a definição dos momentos certos para agir. **“Nem sempre, nem nunca.”** Os três tipos de momentos certos são: o **momento, o micromomento, e o macromomento**. O momento é a data que controlamos com antecedência (reunião, evento) e que faz parte regular do calendário. O micromomento é aquela situação que não controlamos, em que algo acontece e que pode captar a atenção do nosso público (*real time marketing*) por ser marcante para eles, olhamos para a mensagem que ocorre com muito mais atenção. O macromomento é aquele momento que é mesmo muito importante (grandes eventos, prémios, cerimónias) e que tem data, não é cíclico, mas é marcante.

Antes de concluir a sua intervenção, salientou que quando comunicamos é importante:

- reconhecer que 80% é formação/preparação e 20% é estratégia;
- identificar a importância da cadência certa na comunicação;
- encontrar o estímulo certo;
- definir os objetivos certos;
- encontrar as tendências atuais;
- chegar às pessoas certas;
- utilizar os locais certos - onde é que estão as pessoas? (referindo os grupos de Facebook como dos mais eficientes para propagar a mensagem);
- seguir o caminho certo para chegar onde queremos;
- manter o foco para atingir os nossos objetivos.

Finalizou, dizendo que **peçoas seguem peçoas** e que na utilização das redes sociais devemos **educar, informar e credibilizar**.



Workshop Design Thinking – “Estratégias e ações para 2022/2023”

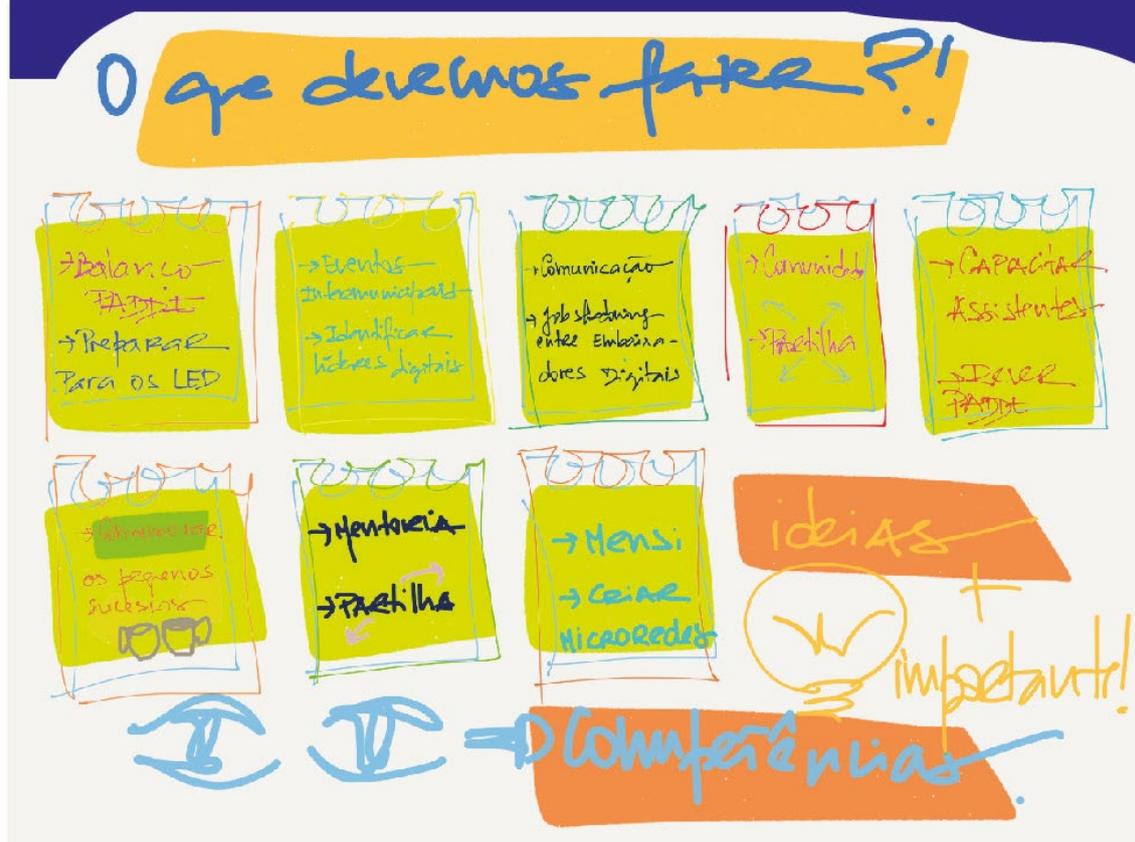
Glauco Madeira – Lisbon Digital School

No Workshop Design Thinking, manteve-se a estrutura dos grupos formados nas sessões de trabalho colaborativo dos ED e pediu-se-lhes para refletirem sobre o seu próprio trabalho no acompanhamento das EDD e na consecução da implementação das medidas previstas nos PADDE. Assim, seguindo uma metodologia denominada de “Retrospectiva estrela-do-mar”, os ED foram desafiados a revisitarem os PADDE e as dinâmicas existentes, identificando aspetos a continuar, a fazer mais, a começar, a parar ou a fazer menos. Foram encetadas reflexões e discussões que resultaram na produção de *post-its* com frases para colocarem num *flipchart*, de acordo com as 5 categorias consideradas nesta metodologia de trabalho.

O *workshop* proporcionou um contexto favorável à promoção e estabelecimento de interações que, além da discussão e reflexão, resultou em formulação de sinopses, permitindo que, no final, se organizassem e sintetizassem ideias.

Terminado o tempo dedicado à tarefa “Retrospectiva estrela-do-mar”, cada grupo, através do seu porta-voz, apresentou ao grande grupo as suas conclusões, suportando-se do *flipchart* onde as tinham registado.

Os grupos de trabalho foram impelidos a selecionar 2 frases da categoria “Começar” (2 ideias campeãs), no sentido de criar um plano de ação para as concretizar, nos próximos 3 meses. Com o intuito de tirar as ideias do papel e de operacionalizá-las, durante 30 minutos, os elementos dos grupos definiram o conjunto de ações e identificaram responsáveis que concorressem para a concretização e implementação das ideias selecionadas. Nesta concertação da operacionalização das ideias campeãs, foi também estabelecida a calendarização das ações e definido o impacto esperado. A súmula do resultado da segunda fase deste trabalho foi reproduzida no *flipchart* e apresentada posteriormente.



Trabalho colaborativo: apresentação de conclusões

Comentário de Patrícia Wastiau – Consultora Principal para a Investigação e Inovação – European Schoolnet

Moderação - Carla Barros Lourenço – Chefe de Equipa de Recursos e Tecnologias Educativas

No início deste painel, a moderadora desafiou os grupos a responderem à questão: “O que devemos fazer a partir de agora?”, seguindo-se um momento de trabalho colaborativo. Como resultado, os oito grupos apresentaram diversas propostas como, por exemplo: efetivar um balanço intermédio dos PADDE, através de uma reunião; elaborar grelhas de registo e envolver toda a comunidade educativa, de forma a tentar perceber em que medida o digital teve impacto nas aprendizagens; preparar a escola para os LED, iniciando com uma reunião, com coordenadores de departamento ou do clube de robótica, para apresentação à escola do conceito (grupo 1); realizar eventos com os Conselhos Intermunicipais ou envolvendo diretores, ED, EDD e Câmara Municipal; identificar LD, em articulação com formadores; alargar a rede de professores proficientes digitalmente e envolver a comunidade (grupo 2); trabalhar a “comunicação; fomentar a relação com ED, criando grupos informais de comunicação; planificar *job sharing* entre ED; aumentar a articulação com os Centros de Competência TIC (CCTIC), convidá-los a apresentar tipologias de suporte digital; estabelecer um calendário com CCTIC, CFAE e ED, ainda no próximo mês de dezembro, para dinamização de ações de formação, divulgação e orientação para futura implementação do projeto PPMD e ações de monitorização dos PADDE (grupo 3); criar uma comunidade de partilha de práticas, cuja operacionalização será da responsabilidade do ED e pretende envolver todas as EED (impacto esperado será melhorar práticas e processos, através das partilhas); planear e desenvolver Ações de Formação de Curta Duração (AFCD) com líderes de topo

e intermédios de cada agrupamento com temas que permitam reformular os respetivos PADDE (grupo 4); dinamizar AFCD para Assistentes Operacionais (AO), começando por fazer um levantamento de necessidades, no que se refere à formação; capacitar os/as AO para o acompanhamento dos alunos em atividades digitais e para que também possam apoiar na gestão e manutenção de computadores; visitar os PADDE, fazer uma análise SWOT, hierarquizar as ações do plano e retirar algumas delas (grupo 5); criar uma rede entre diferentes CFAE, através da constituição de um grupo com momentos definidos para encontros; promover eventos de mostra de práticas onde se mostra aquilo que se faz e criar um selo de qualidade, de forma a demonstrar que não se pode ter receio de estar à frente no digital e com impacto esperado no reforço da confiança e motivação para o Digital (grupo 6); implementar mentorias digitais, identificar em cada escola líderes para criar equipas de mentores e mentorados (identificação a cargo dos ED, em coordenação com coordenadores dos PADDE e a partir de *feedback* das equipas de formadores de nível 3); promover momentos de partilha entre EDD (grupo 7); implementar o Projeto Mensi, o próximo passo será contactar o coordenador do projeto a nível nacional, identificar as escolas mentoras e mentoradas, seguindo-se a apresentação do projeto às equipas de desenvolvimento das escolas; criar microrredes entre ED e CCTIC, com agendamento de reuniões para definição de estratégia e planificação das ações.

De seguida, Patrícia Wastiau agradeceu a oportunidade de participar nesta tarefa e salientou, ainda, a capacidade de trabalho dos participantes, tendo em conta o tempo disponível para a realização da tarefa, bem como o facto de pertencerem a diferentes contextos

Lançou, também, o desafio de, com base nas ideias apresentadas, regressar às escolas, desenvolvê-las e implementá-las no período de tempo entre este Seminário e o do próximo ano, para trazer algo de concreto e apresentar no próximo evento. Antes de concluir, abordou dois problemas para os quais devemos ter alguma atenção: o primeiro é que **normalmente vemos as pessoas do ponto da hierarquia, mas devíamos pensar em competências. Que competências a pessoa tem para que possa ser uma mais-valia para determinada ação?**, o segundo problema apontado relaciona-se a necessidade de clarificar alguns conceitos que nem sempre são entendidos da mesma forma por todos.

Para encerrar a sessão, a moderadora clarificou o objetivo destes momentos de Team Building, que serviram sobretudo para orientar os ED no seu trabalho e para que também eles próprios possam replicar essas dinâmicas e estratégias nos seus contextos, com as suas equipas.



(Re)configurar dinâmicas de desenvolvimento digital na escola

Eugénia Nunes – DGE/ ERTE

David Rua – CCTIC Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

A representante da DGE/ERTE começou por referir que é necessário preparar e repensar o trabalho que se avizinha.

A finalidade é conseguir mais e melhores aprendizagens, esperando-se que todo o trabalho desenvolvido tenha efeito nas práticas em salas de aula, nas aprendizagens dos nossos alunos e no desenvolvimento das suas competências.

De seguida, referiu a importância e a necessidade de sabermos/conhecermos qual é o nosso papel dentro da estrutura e quem está connosco, para podermos (re)definir o nosso caminho.

A oradora sublinhou que **os ED são a parte central deste processo, de todas as dinâmicas de desenvolvimento digital nas escolas, mas não estão sozinhos neste trabalho** e acrescentou que há vários adjuvantes ao desenvolvimento do seu trabalho: - capacitação docente; - a articulação e parceria com a DGE/CCTIC, entendida como trabalho de equipa; - o [site CDE](#) e o espaço da Comunidade, que devem ser utilizados numa vertente de partilha e rentabilização de recursos/tempo; - as EDD, com o estabelecimento de redes e relações de confiança. Destacou a importância de se estabelecerem relações e conexões com as EDD, conseguindo “entrar” dentro dessas estruturas, criando aliados preciosos para o desenvolvimento do trabalho pretendido.

A terminar, foi referida a Nova Selfie (autorretrato): **o processo é cíclico, precisa permanentemente de ser reavaliado e reajustado para ser sustentável.**

Os presentes foram ainda informados de que algumas ferramentas estarão brevemente disponíveis (em português) para apoiar o desenvolvimento deste processo: - Site SELFIE PTK (ferramentas de apoio à SELFIE para a construção de PADDE); Massive Open Online Course (MOOC) SELFIE Pedagogical Tool Kit (PTK) (percurso de aprendizagem assente nos recursos SELFIE PTK, para membros das estruturas ligadas à capacitação digital das escolas. (ED, EDD).

Próximos passos: 1) Formação especializada dos ED na exploração do MOOC e do Site SELFIE PTK; 2) Formação das EDD, pelos ED, na exploração acompanhada do MOOC e do Site SELFIE PTK. Estes recursos/ferramentas orientadoras serão importantes para o (re)desenhar do PADDE, considerando-o sempre como um instrumento integrado nos documentos orientadores das escolas, num quadro de desenvolvimento e sucesso educativo dos nossos alunos.



Currículo e contextos digitais de aprendizagem

Nuno Dorotea- Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Moderação – Amélia Joaquim - DGE

Nuno Dorotea, começou por referir que o digital na escola é importante para a melhoria das práticas pedagógicas (de ensino e de aprendizagem), para melhoria das aprendizagens e, conseqüentemente, dos resultados escolares. No entanto, se não houver regularidade na adoção de práticas pedagógicas com o digital, os índices de eficácia diluem-se. O digital é importante também como uma nova literacia para os cidadãos. As competências digitais são necessárias na realização pessoal, para um estilo de vida saudável e sustentável, para a empregabilidade, para uma cidadania ativa e a inclusão social.

Assim, é necessária uma mudança de perspectiva em relação às conceções e práticas pedagógicas, tirando partido da multiplicidade de elementos multimédia e das experiências ricas de aprendizagem. Na realidade, em percursos personalizados de aprendizagem, o aluno poderá explorar, de forma autónoma ou acompanhada, diferentes atividades com diversos tipos de meios, organizados em cenários que estimulem diferentes formas de aprender.

De acordo com Nuno Dorotea, **o Digital não é algo externo ao processo de ensino/aprendizagem, da mesma forma que não o são o lápis ou outros artefactos, sendo que devemos caminhar para a naturalização do digital, de forma a que seja apenas mais uma ferramenta.** Nesse sentido, referiu,

também, Costa* (2017) que sugere três dimensões para o digital em contexto de ensino/aprendizagem: o digital como objeto de aprendizagem; o digital com foco no currículo para a aprendizagem de conteúdos e competências de âmbito disciplinar; o digital como promotor do desenvolvimento global do aluno, com foco nas competências transversais.

No decorrer da sua intervenção, o orador destacou, ainda, que através da diversificação de contextos de aprendizagem e da diferenciação pedagógica, o professor pode ser o agente de mudança que permite ao aluno ter um papel mais ativo na organização da sua aprendizagem. Um excelente exemplo são os módulos de formação de docentes, criados no âmbito do Programa de Digitalização para as Escolas para as diferentes áreas curriculares.

Nuno Dorotea, referiu que temos professores com diversos níveis de competência digital, desde os criativos e inovadores na utilização do digital com os alunos, até aos professores do “contra” ou em negação. Estes últimos são, particularmente, um motivo de preocupação, pois colocam os seus alunos em desvantagem relativamente a outros. Como forma de despertar para a reflexão, acerca desta realidade, foi lançada a questão: Como mudar a perspetiva destes docentes?

Uma das respostas passará por **criar a necessidade do uso do digital, de forma a que este apareça como solução e não como objetivo.**

Nuno Dorotea propõe três eixos de mudança: mudanças nas abordagens pedagógicas; novas metodologias que implicam a reconfiguração dos espaços (a sala tradicional tem de ser desconstruída para acomodar a forma de trabalhar nestas abordagens - Ambientes Educativos Inovadores ou os futuros LED); diferentes formas de avaliação da aprendizagem. Estas não são compatíveis com a avaliação essencialmente sumativa e centrada nos testes, fichas e afins. O questionamento através do digital é claramente vantajoso para aferir aprendizagens, quer para informar os professores quer para proporcionar a autorregulação dos alunos, em tempo útil.

Salientou que podemos, ainda, falar de um quarto eixo, o da inclusão, que envolve os três anteriores, ou seja, **o digital enquanto agente promotor da inclusão.**

A terminar sublinhou-se a relevância do papel dos ED e que deverá ser o de influenciadores e mentores para ajudar os colegas neste processo, sem esquecer que os PADDE deverão fazer parte dos projetos educativos das escolas e que **é necessário continuar a trabalhar para que as mudanças não sejam temporárias e se tornem sustentáveis no tempo.**

*Fernando Albuquerque Costa – Instituto da Educação | Universidade de Lisboa



Comunidades de prática: aprendizagem em rede

João Grácio – CCTIC Instituto Politécnico de Setúbal/Escola Superior de Educação

Agnelo Quelhas – CCTIC Instituto Politécnico de Castelo Branco/Escola Superior de Educação

Luís Valente – CCTIC/Instituto de Educação da Universidade do Minho

Moderação – Maria João Horta – Subdiretora-Geral da Educação

A DGE, através de todas as suas iniciativas e projetos tem apostado no desenvolvimento de comunidades. **As comunidades de prática online trazem os seus próprios desafios e este grupo de ED está, precisamente, integrado numa comunidade de prática que se pretende ativa.** Nos três dias de trabalho conjunto, reflexões e discussões procurou-se ouvir os ED e, no final dos trabalhos, juntamente com os oradores do painel, pretende-se compreender, ainda melhor, como dinamizar esta comunidade de prática, bem como aquelas que venham a ser criadas, para que se assumam como um espaço efetivo de partilha, útil e que perdure.

De acordo com um dos oradores, não há comunidades de prática construídas numa lógica *top-down*. Têm existido muitas experiências de comunidades de prática que vão tendo a sua evolução, contudo chega a uma ocasião em que terminam; pelo que se conhece através da literatura, verifica-se que as *top-down* acabam mais rápido.

No que se refere ao conceito de “comunidades de prática”, este foi, em primeiro lugar, proposto em 1991 pela antropologista cognitiva Jean Leave e o investigador educacional Etienne Wenger. Foi com base nestes autores que o conceito foi abordado, tendo em atenção três eixos: Domínio, Comunidade e Prática.

Domínio: Sobre o que é a comunidade? Com o que é que as pessoas se identificam dentro dela? As comunidades de prática têm de surgir do interesse que as pessoas têm sobre um assunto para que possam interessar-se por pertencer e manter-se na mesma (quais os objetivos? interesses? como se faz o desenvolvimento de problemas? etc.).

Comunidade: Quem é que deve ser incluído? Que relacionamentos se deveriam estabelecer? As pessoas têm de encontrar pontos de encontro, tem de existir uma “cola” que contribua para que a comunidade se possa constituir e consolidar.

Prática: O que se deveria fazer conjuntamente? Como é que se poderia marcar a diferença, na prática? As comunidades de prática têm de ter um propósito, traçar um plano de ação, através de uma boa compreensão do que há para fazer e de como vencer os obstáculos. As comunidades de prática são colaborativas com a intenção de contribuir para a mudança. Mas que tipo de mudança? Não é mudar por mudar, é mudar para fazer melhor, é mudar para incrementar qualidade, mais-valias e consolidar o que se conseguiu de melhor.

Nas comunidades de prática, é essencial o reconhecimento pelos pares, tendo em atenção que:

1. Se deve fazer coisas juntos para fazer a diferença;
2. Cada um tem de estar na comunidade com capacidade de aceitar o elogio e a crítica / é necessário respeitar a diferença dos outros;
3. Vamos recolhendo as partilhas e vamos refletir sobre elas, para levarmos o que se aplica ao nosso contexto; é indispensável ter em atenção esse contexto;
4. É fulcral partilhar com outros que fazem coisas diferentes ou que querem fazer coisas diferentes.
5. É muito importante encontrar o valor da comunidade.

É preciso colocar o foco no VALOR da comunidade

Para colocar o foco no valor da comunidade dos ED, é necessário fazer a análise de Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças.

O ambiente informal e a multiplicidade de momentos de formação são “**Forças**” que permitem uma cultura de partilha e o aumento das competências profissionais, entre outros. Contudo, uma comunidade com um grande número de pessoas depara-se, por vezes, com aspetos que obstaculizam o seu bom funcionamento. Numa comunidade *online*, é difícil estabelecer as dinâmicas de outras comunidades de prática, pelo que há acertos a fazer e é necessário minimizar fraquezas e eliminar ameaças.

Minimizar fraquezas: identificar facilitadores, criar grupos mais restritos, promover iniciativas síncronas em horários compatíveis para a maioria, criar empatia.

Eliminar ameaças: usar tendências e interesses comuns para criar estímulos, evitar o excesso de trabalho que conduz à desmobilização dos participantes, criar horários dedicados ao tipo de trabalho que têm para fazer.

No decorrer do painel, foi também abordada a questão da organização dos espaços das comunidades de prática, sublinhando-se que a ideia a destacar nas comunidades é o **NÓS; não há o EU, há o NÓS!** O grupo de pessoas que se encontra na comunidade tem de ter sentido de pertença, tem de sentir que está num local onde vai poder partilhar e receber. As comunidades têm de dar resposta às necessidades dos membros, é isso que faz com que as pessoas voltem, é isso que constitui o VALOR. Todavia, é preciso ter em conta que, nas comunidades, nem todas as pessoas têm o mesmo papel, umas têm um papel mais ativo e outras mais periférico. **É essencial ouvir as pessoas, para que se possa ir organizando a comunidade de prática em função das necessidades apresentadas.**

Como exemplo foi apresentado o CCTIC de Setúbal, pois tem uma experiência de comunidade de prática *online* que vai no seu terceiro ano. Esta comunidade de prática tem vários espaços: Moodle – onde se encontram os ED; aqui existem diversos espaços para troca de vários tipos de informação (para além de um espaço *top-down*), partilha de experiências, questões, entre outros. Website - criado para dar a conhecer o trabalho realizado no espaço fechado Moodle. Esta partilha / visibilidade pode ser de grande utilidade para outros ED e para outros professores que podem levar para as suas escolas o que considerarem mais adequado.

Grupos WhatsApp – onde há uma partilha de maior proximidade.

Vai ser criado um grupo fechado no Facebook, será uma comunidade fechada, mas mais alargada para poder chegar a mais professores e Escolas.

A concluir, foram apresentadas algumas ideias-chave, como, por exemplo: **o caminho tem de ser feito com os participantes, porque não há um único modelo;** as comunidades de prática têm de ter um sentido informal; tem de haver a possibilidade de colocar questões sem julgamentos, onde todos podem ajudar.

Quanto maior é a comunidade, maiores têm de ser os ajustes na forma como a comunidade é organizada e o contributo de cada um dos membros é integrado (ex. não pode existir um único moderador, facilitador).

Os ED foram desafiados a dinamizar as suas próprias comunidades de prática, pois, e para que todo o movimento em torno do digital não seja sentido como *top-down*, foi referido que **é essencial ouvir as pessoas não só para se poder sentir quais as necessidades, mas também para contribuir para uma evolução do trabalho em função da realidade de cada escola.** É essencial existir um espaço onde seja possível discutir diversas questões e onde possa existir diálogo, comentários, validações. **Deste modo, é imperioso aprofundar o espaço da comunidade de prática, também por uma questão de gestão de recursos.**



Sessão de Encerramento e Próximos Passos

José Víctor Pedroso – Diretor-Geral da Educação

Na sessão de encerramento do Seminário, o Diretor-Geral da Educação começou por afirmar que todos estavam mais enriquecidos e capacitados para transporem algumas das ideias nos respetivos territórios.

Desenvolver a rede de ED para apoiar as escolas era um dos objetivos que, decerto, foi conseguido.

Durante a sua intervenção, o Diretor-Geral destacou alguns aspetos que também deverão nortear a ação dos ED:

- a importância de integrar comunidades, capazes de integrar e compreender o digital, assim como de compreender as escolas;
- a integração do digital como forma de ajudar as escolas;
- o digital é um processo constante que vai continuar;
- não pode haver um momento de balanço que encerre todo o processo (em que tudo está feito);
- a necessidade de intervir para melhorar;
- a importância de compreender os vários eixos de intervenção no contexto digital (equipamentos, formação, etc.).

Antes de concluir, o Diretor-Geral lembrou os contributos dos ED e CFAE, bem como a importância de os ED serem ouvidos, pois ao fazê-lo, estamos a ouvir o que se passa nas escolas, registando, também que é impressionante o facto de a maioria das escolas terem PADDE.

No final desta intervenção, foi, ainda, referida a importância de diversificar a formação, pois existe um caminho, um processo em que temos de ajustar o nosso trabalho com as escolas. No entanto, importa ter sempre presente que, embora falemos de digital e mais digital, estamos a falar de pessoas, de emoções e sentimentos. Daí a necessidade de termos um discurso humanista, de continuar a falar com as pessoas, de sermos capazes de demonstrar compreensão, de nos envolvermos em momentos de ajuda mútua. A preocupação deverá ser sempre com as pessoas.

Conclusão

Retomando as palavras do sr. Diretor-Geral, [...] “o digital é um processo constante que vai continuar.” Por isso, os momentos de partilha, que tiveram lugar no decorrer do Seminário, devem ser entendidos não só como verdadeiros momentos de aprendizagem e de desenvolvimento profissional, mas também como uma oportunidade a não desperdiçar, para dar continuidade ao caminho já iniciado. O debate em torno de questões que se espera virem a contribuir para que os investimentos já efetuados tenham, efetivamente, impacto, levam-nos a concluir que este trabalho é para continuar. Para tal, há que aproveitar as potencialidades do digital e, mesmo à distância, há que reforçar a construção de redes entre ED, há que **construir comunidade**. Como disse o Sr. Ministro da Educação, [...] “**há que aproveitar a oportunidade**”, tendo sempre presente que o sucesso educativo dos nossos alunos e a igualdade de oportunidades também passam pelo nosso **compromisso em querer fazer sempre melhor**.

Contamos



Com Tod@s!

Contamos



Con
Todos!